ISSN: 2358-8829

# A LÍNGUA TUPI COMO ESTRATÉGIA DE ALFABETIZAÇÃO

Jéssica Áurea Lage [1]

## INTRODUÇÃO

A língua portuguesa falada no Brasil traz marcas profundas do contato com os povos originários. Nomes de animais, frutas, alimentos, plantas, rios, cidades e estados brasileiros têm origem no tupi, língua falada pelos povos indígenas. Grande parte dessas palavras está presente no nosso cotidiano, como jacaré, pipoca, abacaxi ou mandioca (FRAGATA, 2018).

Reconhecer essa herança na sala de aula é também uma exigência legal e curricular no ensino brasileiro. A Lei nº 11.645/2008 tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena na educação básica (BRASIL, 2008), e a Base Nacional Comum Curricular orienta que a diversidade cultural e linguística do país seja reconhecida e valorizada desde os anos iniciais (BRASIL, 2018). Ao mesmo tempo, a BNCC estabelece que, nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, o que impõe ao professor o desafio de articular o trabalho com o sistema de escrita e as práticas sociais de leitura e escrita, isto é, alfabetizar e letrar ao mesmo tempo (SOARES, 2020).

Foi nesse contexto que se desenvolveu a experiência relatada neste trabalho. No ano de 2023, a Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida, localizada no município de Contagem, em Minas Gerais, adotou como eixo norteador de suas atividades a valorização da cultura afro-indígena. O tema esteve presente em diferentes ações da escola ao longo do ano, inclusive na produção de um mural coletivo em sua homenagem. A partir desse eixo, as turmas de 2º ano do Ensino Fundamental, do turno da tarde, desenvolveram um projeto que tomou as palavras de origem tupi como ponto de partida para atividades de alfabetização e letramento.

[1] Mestre pelo Curso de Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Viçosa - UFV, jessicaaurealage@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

O objetivo do trabalho foi levar as crianças a reconhecer palavras da língua portuguesa que têm origem na língua tupi, por meio de atividades didáticas de alfabetização e letramento, promovendo, assim, a valorização da cultura indígena.

O projeto foi realizado entre 30 de março e 19 de abril de 2023, período próximo ao Dia dos Povos Indígenas, e envolveu a leitura do livro *O tupi que você fala*, de Claudio Fragata, a aplicação de uma sequência didática com atividades de rima, aliteração e análise de sílabas, a exposição de cartazes com nomes e imagens de alimentos e animais de origem tupi nas paredes da sala, a confecção de massinha de modelar com pó de urucum e a modelagem de animais e uma exposição na Mostra Cultural, realizada durante a Festa da Família. Como etapa final, os alunos visitaram a exposição "Mundo Indígena", no Espaço do Conhecimento da UFMG.

**Figura 1** – Mural produzido na escola em homenagem ao eixo "valorização da cultura afro-indígena"




Fonte: Acervo da autora (2023).

## METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa, construído a partir das práticas pedagógicas das professoras regentes das turmas de 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida, em Contagem (MG). Os dados foram obtidos por meio da observação das crianças durante as atividades, do registro fotográfico, das produções realizadas pelos alunos e dos

ISSN: 2358-8829

instrumentos de avaliação aplicados ao final do projeto: o autoditado e a participação na Mostra Cultural.

O projeto foi desenvolvido entre 30 de março e 19 de abril de 2023 e organizado em etapas articuladas, na forma de uma sequência didática, ou seja, um conjunto de atividades planejadas em ordem, com começo, meio e fim, em torno de um mesmo objetivo.

A primeira etapa consistiu na leitura do livro "O tupi que você fala", de Claudio Fragata (FRAGATA, 2018). A obra apresenta, de forma ilustrada, palavras de origem tupi que fazem parte do cotidiano dos brasileiros, como nomes de alimentos, animais e plantas. A leitura serviu como base para a conversa com as crianças sobre a origem das palavras e sobre a presença dos povos indígenas na nossa cultura e no nosso modo de comunicar.

Na segunda etapa, foi aplicada uma sequência didática elaborada a partir da leitura do livro, com atividades voltadas para a alfabetização: aliteração, rima, separação, contagem, comparação de sílabas e escrita de palavras de origem tupi, como pipoca, jabuti, tamanduá e tatu. As atividades foram pensadas para favorecer a consciência silábica e fonológica.

Na terceira etapa, foram fixados nas paredes da sala cartazes com imagens e nomes de alimentos e animais de origem tupi, de modo que as crianças tivessem contato permanente com essas palavras e pudessem consultá-las durante as atividades de leitura e escrita. Também foram trabalhados os nomes de estados brasileiros de origem tupi.

A quarta etapa teve caráter de "mão na massa". As crianças confeccionaram massinha de modelar utilizando pó de urucum, corante natural cujo nome também tem origem indígena, e modelaram animais com nomes de origem tupi, como o jacaré, a sucuri e o siri. Outras turmas da escola também participaram dessa proposta, produzindo, por exemplo, araras e piranhas.

Na quinta etapa, os trabalhos produzidos, juntamente com alimentos e imagens de animais de nomes tupi, foram expostos na Mostra Cultural da escola, realizada em 15 de abril de 2023, durante a Festa da Família. Na ocasião, os estudantes apresentaram aos familiares os trabalhos realizados e exploraram alimentos cujos nomes têm origem na língua tupi.

Como etapa final, os alunos visitaram o Espaço do Conhecimento da UFMG, em Belo Horizonte, onde apreciaram a exposição "Mundo Indígena". A visita ampliou para

ISSN: 2358-8829

fora da escola o contato das crianças com a cultura dos povos indígenas, encerrando o percurso iniciado com a leitura do livro.

## REFERENCIAL TEÓRICO

No livro "O tupi que você fala", Fragata (2018), o autor traz palavras como pipoca, jabuti, tamanduá ou tatu, que fazem parte do cotidiano das crianças e têm origem na língua tupi, para mostrar que a língua indígena faz parte do nosso vocabulário. Trabalhar essas palavras na escola é uma forma de trabalhar a valorização dos povos indígenas.

Essa valorização está prevista na legislação, a Lei nº 11.645/2008 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para incluir no currículo oficial a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" (BRASIL, 2008). A Base Nacional Comum Curricular enfatiza a importância da diversidade cultural e reconhece as contribuições dos povos indígenas para a sociedade brasileira (BRASIL, 2018). Esses documentos reforçam a necessidade da escola trabalhar a cultura indígena de forma contínua.

No que se refere à alfabetização, Soares (2016) diferencia dois processos que compõem a aprendizagem da língua escrita: a alfabetização, entendida como a aprendizagem do sistema de escrita alfabética, que envolve compreender as relações entre os sons da fala e as letras, e o letramento, que diz respeito ao uso da leitura e da escrita em práticas sociais. Para a autora, esses processos são distintos, mas devem acontecer de forma simultânea e integrada. Soares (2020) reúne essa ideia no termo alfaletrar, que é alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, partindo de textos e situações que tenham sentido para as crianças. A autora defende, ainda, que toda criança pode aprender a ler e a escrever quando o ensino é planejado e intencional.

A partir dessas concepções, foi planejado o projeto aqui descrito. As atividades envolveram rima, aliteração e consciência silábica, levando as crianças a refletir sobre os sons das palavras e sua relação com a escrita, o que, de acordo com Soares (2016), é fundamental para a compreensão do sistema alfabético. Já a leitura do livro, os cartazes, a confecção dos animais, a Mostra Cultural e a visita à exposição "Mundo Indígena" garantiram que essas palavras fossem trabalhadas no contexto do letramento.

ISSN: 2358-8829

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram organizados em quatro categorias de análise: o engajamento das crianças nas atividades; os avanços na apropriação do sistema de escrita; a participação das famílias; e a valorização da cultura indígena.

Os alunos demonstraram interesse durante toda a execução das atividades. A leitura do livro despertou a curiosidade da turma, que passou a perceber que palavras muito conhecidas, como nomes de animais e alimentos do dia a dia, têm origem indígena.

**Figura 2** – Atividades da sequência didática desenvolvida a partir da leitura do livro




Fonte: Acervo da autora (2023).

A atividade de confecção da massinha com pó de urucum e a modelagem dos animais foram especialmente mobilizadoras. Ao manipular o urucum, as crianças entraram em contato com um elemento concreto da cultura indígena cujo próprio nome tem origem tupi. A modelagem de animais como o jacaré, a sucuri e o siri permitiu que as palavras estudadas ganhassem forma, cor e textura, o que mostrou como a brincadeira e o trabalho com as mãos podem contribuir para a aprendizagem.

**Figura 3** – Confecção da massinha com pó de urucum e modelagem de animais de nome tupi



Fonte: Acervo da autora (2023).

ISSN: 2358-8829

Os alunos demonstraram evolução no processo de alfabetização e obtiveram bom resultado no autoditado e na avaliação sobre o tema, inclusive aqueles que se encontravam na hipótese silábica de escrita. Esse resultado pode ser relacionado a dois aspectos do trabalho. O primeiro é a realização sistemática de atividades de rima, aliteração e análise de sílabas, que levaram as crianças a refletir sobre as partes sonoras das palavras e sobre sua relação com a escrita, aspecto que Soares (2016) considera essencial para que a criança compreenda o funcionamento da escrita alfabética.

O segundo aspecto é a presença permanente dos cartazes com os nomes de origem tupi nas paredes da sala. Ao conviver diariamente com essas palavras, as crianças construíram um repertório de palavras estáveis, que podiam ser lidas, comparadas e consultadas durante a escrita de outras palavras. A sala de aula tornou-se, assim, um ambiente alfabetizador, em que a escrita estava visível e disponível como fonte de informação.

**Figura 4** – Cartazes com nomes e imagens de animais, alimentos e estados de origem tupi nas paredes da sala



Fonte: Acervo da autora (2023).

A Mostra Cultural, realizada em 15 de abril de 2023 durante a Festa da Família, contou com a participação significativa das famílias, que se mostraram engajadas no tema. Esse engajamento não se restringiu ao dia da exposição: as crianças levavam para casa as descobertas feitas em sala, compartilhando com os familiares as palavras de origem tupi que haviam aprendido. Desse modo, o projeto ultrapassou os limites da sala de aula e ampliou as práticas de letramento para o ambiente familiar.

**Figura 5** – Exposição de alimentos, imagens e animais de nome tupi na Mostra Cultural, durante a Festa da Família



Fonte: Acervo da autora (2023).

O projeto despertou o interesse dos alunos pelas palavras em tupi e pela cultura indígena como um todo. Ao descobrir que a língua que falam carrega contribuições dos povos originários, as crianças passaram a reconhecer esses povos como parte da história e da identidade brasileira. A visita à exposição "Mundo Indígena", no Espaço do Conhecimento da UFMG, aprofundou esse movimento, pois permitiu às crianças conhecer outros aspectos da cultura indígena, para além da língua, em um espaço dedicado à divulgação científica e cultural. Esse resultado vai ao encontro do que propõe a Lei nº 11.645/2008 (BRASIL, 2008) e evidencia que o trabalho com a cultura indígena pode estar integrado aos conteúdos curriculares, e não apenas a eventos pontuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada mostrou que as palavras de origem tupi podem ser um recurso valioso para a alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao partir da leitura de um livro de literatura infantil e organizar as atividades em uma sequência didática, foi possível articular a reflexão sobre o sistema de escrita, por meio de atividades de rima, aliteração e análise de sílabas, a práticas de leitura e escrita com sentido para as crianças, alfabetizando e letrando ao mesmo tempo.

Os resultados indicam que o objetivo do trabalho foi alcançado: as crianças reconheceram palavras da língua portuguesa de origem tupi, demonstraram interesse durante as atividades, obtiveram bom desempenho no autoditado e na avaliação sobre o

tema, inclusive aquelas que ainda se encontravam na hipótese silábica, e passaram a valorizar a cultura indígena. A participação das famílias na Mostra Cultural e a visita ao Espaço do Conhecimento da UFMG ampliaram o alcance do projeto para além da sala de aula.

Espera-se que este relato contribua para fortalecer práticas pedagógicas que integrem alfabetização e diversidade cultural, e que inspire novas pesquisas sobre o uso da herança linguística dos povos originários como estratégia de ensino da língua escrita.

**Palavras-chave:** Cultura indígena; Ensino Fundamental; Sequência didática.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida, pelo apoio ao projeto; às professoras do 2º ano do turno da tarde de 2023, Genilsa e Paloma, parceiras na realização das atividades; e às crianças e suas famílias, pela participação e pelo entusiasmo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 20 out. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

FRAGATA, C. **O tupi que você fala**. Ilustrações de Mauricio Negro. São Paulo: Globinho, 2018.

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, M. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.